



Olhar o Sul

Manuel Ennes Ferreira

mfereira@iseg.ulisboa.pt

TÃO AMIGOS QUE NÓS SOMOS, NÃO É?

É usual apontar-se Cabo Verde como um exemplo. Na realidade, sair da classificação das Nações Unidas de País Menos Avançado em 2008 não é para qualquer um. Muito dependente de fluxos financeiros externos, as remessas de emigrantes ocupam um lugar de destaque bem como as receitas da aposta no turismo. Porém, o impacto da covid-19 já aí se faz sentir negativamente. Mas uma outra fonte de financiamento, a ajuda pública ao desenvolvimento, sempre teve um papel relevante e embora traduza boas condições no acesso, pode gerar dívida externa. De entre os chamados doadores, Portugal destaca-se. Na semana passada o primeiro-ministro de Cabo Verde pediu, na Assembleia da ONU, uma “iniciativa de perdão da dívida externa e que deve ser objeto de um Pacto de Responsabilidade Mundial”. Em 2020 o peso da dívida externa é de 131,5% do PIB, cerca de €1600 milhões, essencialmente ligada a infraestruturas. Portugal era credor de 683 milhões em 2018, cerca de 40%, sendo que no ano anterior 23% era dívida direta ao Estado e, os restantes, dívida

O apoio vê-se na ajuda prestada por Portugal, mas a solidariedade com Cabo Verde pode ir mais além

de médio e longo prazo mas garantidos pelo Estado, de acordo com o Banco de Portugal. A CGD repre-

senta 63,2% do total. Como alguns empréstimos contratados junto de credores comerciais também beneficiam de condições concessionadas e com garantia externa, na prática, a dívida de Cabo Verde a Portugal cai na categoria de concessionalidade. Já em 2016 (Lusa, 13 maio), o primeiro-ministro cabo-verdiano disse que “é urgente pegar no dossiê Casa para Todos (empréstimo de €200 milhões de Portugal e que começa a vencer em 2021)... e que a viabilização de uma solução ‘passará seguramente’ por uma negociação com o Governo português”. Em 2017, segundo o “Expresso das Ilhas” de 20 de fevereiro, António Costa confirmou ter recebido uma proposta de Cabo Verde sobre essa dívida, mostrando-se convicto de que seria encontrada uma solução que satisfaça todos. Nas atuais circunstâncias já não se pode perder mais tempo, e Cabo Verde merece. Está difícil encontrar uma saída? Engenharia criativa, precisa-se. Por exemplo, que se envie por um dia um representante do Governo português e com uma agenda muito simples: de manhã, um pequeno-almoço de cuscuz quente e barrado a manteiga, acompanhado de queijo de cabra e mel de cana. Perdoa-se um terço da dívida. Ao almoço, uma bela cachupa regada com vinho da Ilha do Fogo. Mais um terço de perdão. E ao jantar, com um bom grogue à frente, ouve-se uma morna que tem tanto de saudade e nostalgia como o fado. Os intervenientes cairão nos braços um do outro a chorar. E o terço final da dívida desaparece!

Professor do ISEG/ULisboa
com Arlindo Fortes, professor assistente da Universidade de Cabo Verde